



## O que o “Sábado Santo” nos ensina?



**“No lugar onde Jesus foi crucificado havia um jardim e, no jardim, um túmulo novo...” (Jo 19,41)**

É **Sábado** e Jerusalém voltou à sua normalidade: nada mudou, ao menos aparentemente, na história. Silêncio gélido, desconcerto, frustração e indiferença cobrem a cidade santa como um manto de densa neblina.

Como seguidores(as) de Jesus vivemos nossos adventos, natais, quaresmas, páscoas e pentecostes; vivemos nossas sextas-feiras; é preciso aprender a viver o incômodo silêncio dos sábados santos.

No caminho do seguimento de Jesus há **“Sábados Santos”**, tanto no nível pessoal como comunitário: passamos por contínuas mortes, noites escuras, crises, silêncios carregados de tristeza, falta de esperança, dúvidas de fé, fracassos, traumas...

A humanidade inteira vive um grande **“Sábado Santo”**; há uma espera angustiada dos povos. Envolve-nos a **“noite sabática”**, que deve re-alimentar a paixão pela vida.

**Sábado Santo** da dor, da tristeza, do fracasso..., mas também **Sábado Santo** da espera e da esperança. É o Sábado Santo que nos abre às surpresas de Deus.

Onde encontrar, então, a razão, o segredo e o sentido deste dia que dá a sensação de um **“dia morto”**? Certamente está neste fato: se o Crucificado não tivesse descido até os **“infernos”** da vida, em quem os homens e as mulheres que ali vivem poderiam se apoiar? A quem poderiam ter por companheiro, amigo e irmão? De quem poderiam sentir uma presença consoladora?

Somente porque Jesus desceu nos **“infernos”** da vida é que pode salvar-nos deles, transformá-los em caminho. **“Porque foi provado no sofrimento, pode ajudar os que são provados”** (Hb. 2,18).

Os **“crucificados da história”**, os sofredores e as vítimas são lugar de encontro, sempre e para todos; eles são sacramento do mundo que Jesus veio transformar, porque não corresponde ao que o Pai sonhou a respeito deste mesmo mundo; são um compromisso obrigatório para encontrar Aquele que viveu a verdadeira Paixão em favor da vida.

Talvez nem todos possamos estar ao lado das vítimas e dos últimos, próximos deles, participando de sua vida. No entanto, todos devemos estar a favor deles, junto Àquele que, na sua morte, faz-se solidário com todos e caminha ao lado de todos eles.

As **“mediações”** que Deus utiliza em sua ação salvífica são o amor humilde, a pobreza solidária e a participação no sofrimento humano. Loucuras do amor de Deus. Só o amor que se entrega, salva.

É em sua morte na **Cruz** que Jesus desce até o extremo de sua condição humana. Com estas duas palavras, **“descer”** e **“subir”**, o evangelista João descreve o mistério da **Redenção** realizada por Cristo.

*“Ninguém subiu ao céu senão Aquele que desceu do céu, o Filho do Homem”* (Jô. 3,13)

A Igreja primitiva viu a **“descida entre os mortos”** como paradigma da Redenção. No Sábado de Aleluia, ela lembra este **“descer”** às profundezas da terra e da humanidade.

Na **“descida aos infernos”**, lá onde o ser humano chegou ao extremo, onde ele se encontra excluído de toda comunicação e comunhão, onde não pode fazer mais coisa alguma, aí Jesus o toma pelas mãos e ressurrege com ele para a vida. Jesus Cristo acolheu tudo quanto é **humano** e desta maneira tudo redimiu. Ele **“subiu”** ao céu porque **“desceu”** às profundezas da terra.

A descida aos **“infernos”** é imagem da descida de Jesus às regiões sombrias de nossa existência.

Descobrimo-Lo presente nos nossos **“infernos interiores**. As profundezas de nosso ser se iluminam, e tudo quanto foi reprimido, recalcado, ferido... é tocado e assumido por Jesus e nos desperta para a vida.

É preciso descer, com Jesus, ao túmulo de nossa interioridade, transitar pelos espaços e dimensões não integradas. Só quem desce às profundezas de si mesmo é capaz de vislumbrar potencialidades de vida que não foram ativadas. É preciso morrer ao **“ego”**, **“descer”** aos **“infernos”** interiores e sociais para expandir a vida em novas direções.

“Descer” e “subir”, portanto, são imagens para descrever o processo de transformação realizado por Jesus morto, e também sepultado, no interior de cada um de nós.

Se **com** Ele quisermos subir ao Pai, temos primeiro de descer **com** Ele à terra, afundar os pés na nossa própria condição humana. Não podemos subir ao céu se não estivermos dispostos a descer com Jesus aos nossos “húmus”, às nossas sombras, à condição terrena, ao inconsciente, à nossa fraqueza humana.

Nós “**subimos**” a Deus quando “**descemos**” à nossa humanidade. Este é o caminho da **liberdade**, este é o caminho do amor e da humildade, da mansidão e da misericórdia.

O **coração**, a quem nada do que é “**humano**” lhe é estranho, alarga-se, enche-se do amor de Deus, que transforma e ressuscita tudo o que é humano.

Ao fazer, junto com Jesus Cristo, o caminho da “**descida**”, vamos ao encontro de nossa realidade e nos colocamos diante de Deus para que Ele transforme em **amor** tudo quanto em nós existe, para que sejamos totalmente perpassados pelo Espírito de Deus.

O evangelista João nos diz que Jesus, após sua crucifixão, foi colocado em um “**sepulcro novo**”.

O sepulcro representa a “**passagem**” entre o antigo e o novo. Ao ser fechado com uma pedra, no entardecer da Sexta-Feira Santa, encerrava-se um ciclo. Ao se abrir, na madrugada do domingo, inaugura-se um novo tempo, uma nova Criação. Os sinais estão ali, no ventre aberto da Terra. Sinais que podem ser mudos para nós e fazendo-nos deter no passado, ou podem ser umbral de novas significações.

Neste **Sábado Santo**, situemo-nos junto ao sepulcro, lugar onde tivemos os últimos sinais ou notícias d’Aquele que foi fiel até o fim. Ali podemos permanecer com as velhas interpretações ou podemos nos dispor a acolher a surpresa que irrompe, o novo que quebra o que é caduco e sem sentido.

*“O Sábado Santo é o tempo de uma gravidez: podemos dizer de uma “**segunda gestação**” de Jesus Cristo. Se a “**primeira gestação**” de Jesus foi a entrada de Deus na carne humana, no Shábbat se gesta a divinização do ser humano e da história na carne de Deus. O sepulcro é o ventre da terra onde foi sepultado o cadáver de Jesus. Nesse corpo inerte, torturado e deformado, acontecerá uma metamorfose. Ali a matéria se divinizará. Toda a criação, contida na corporeidade de Jesus, é chamada a ressuscitar. O Verbo se fez carne para que a Carne se divinize.*

*Tudo isso acontecerá secreta e simbolicamente entre o Shábbat e a alvorada de uma nova criação. A terra está ameaçada e grávida de ressurreição.*

*O Sepulcro era novo, dizem os relatos, como virgem era o ventre de Maria. Disponível, inocente, livre. O vazio como possibilidade, como fecundidade: “Feliz tu, cheia de graça, porque está vazia de ti mesma. Teu espaço interior te faz matriz do Verbo, da Palavra pela qual Deus se historiza”. Assim como as entranhas de Maria albergaram o primeiro nascimento de Jesus, as entranhas da Terra e da história albergam as sementes de seu segundo nascimento.*

*O sepulcro é uma manjedoura de vida nova, de humanidade inaugurada por uma Presença nascente. Tudo está grávido de ressurreição”. (Javier Melloni – El Cristo interior – Herder).*

### **Textos bíblicos: Jo 19,38-42 Mc 15,42-47**

Sábado Santo ajuda a dar sentido à solidão: há solidão vazia, que deprime, mas há solidão (solidude) que nos faz ter acesso às dimensões desconhecidas de nossa vida... As experiências de fracasso, de crise, de desolação... ativam outros recursos e nos motivam a purificar nossa adesão a Deus.

S. Inácio nos convida a passar este dia na casa de Maria, em comunhão com seus sentimentos e sua esperança.

É a única que tem certeza de que a Vida do seu Filho não permanece na morte.

Sua atitude revela-se **antecipadora da Ressurreição**, assim como ela antecipou o primeiro “sinal” de Jesus nas Bodas de Caná.